ENARIO DOS CONTABILISTA

mento trim

Redacção e Administração R. Santa Catarina, 502-PORTO-(Portugal)

ANTONIO MARTINS DA FONSECA REDACTOR LICINIO A. F. DE SOUSA

ALBERTO FERNANDES LEAL

OS ORIGINAIS NÃO SE RESTITUEM Cemp. e imp. na Tipografia ARTES & LETRAS

i, ano

Pôrto, 1 de Março de 1929

N.º 5

Nasceu Paciolo em San-Sepolcro, pequena cidade da Toscana, por volta de 1445, e tamiliarisou-se com o commercio de então sendo professor dos filhos de um grande mercador do seu tempo de nome Antonio Rompiasi. Um erro typografico da edição de 1523 tornou conhecido o nome de Ropiansi em logar de Rompiasi. Do seu tractatus de computis et scripturis têm-se teito edições modernas. Em 1878, o professor Vincenzo Gitti, servindo-se dos exemplares das duas edições existentes na Biblioteca Marciana, de Veneza, deu a lume o trabalho de Paciolo, precedendo-o de um douto prefacio e enriquecendo-o de preciosas notas. E agora mesmo, neste anno, acaba de sahir á luz, em Milão, a ultima edição desse pequeno e luminoso tratado, na Biblioleca di Ragioneria, publicada sob a competentissima direcção do illustre professor Giovanni Massa.

Em Maio de 1878 recordaram-se os habitantes de San-Sepolcro do seu grande concidadão e em honra delle celebraram festas e collocaram uma placa na casa em que nasceu.

A placa dizia assim: A Luca Paciolo-Che ebbero amico e consultore-Leonardo da Vinci e Leon Battista Alberti - Che primo dié all'algebra-Linguaggio e struttura di scienza -Inegno la scrittura doppia commerciale-Detto opere di matematica-Base e norme invariate - A le postere lucubrazioni - Il popolo di San-Sepolero -Vergognando 370 anni dioblio - Al grande concittadino-Pose.

Por essa occasião o professor Luigi Mangoni modelou com o auxilio de uma estampa antiga, um busto de Paciolo. Em 1543 foi o tratado de Paciolo introduzido na Inglaterra, traduzido por Hugh Oldcastle, professor de arithmetica e escripturação mercantil em Londres. E é este o primeiro tratado inglez das partidas dobradas.

Não se conhece hoje nenhum exemplar deste primeiro tratado inglez e delle podemos ajuizar tão sómente pela reempressão feita em 1588 por **John Mellis**, tambem professor em Londres.

No mesmo ano de 1543, que viu publicação do primeiro tratado inglez, apparece tambem o primeiro tratado flamengo E' o tratado de Jan Impyn Christoffels, negociante em Antuerpia, Jan Impyn refere-se a Luca Paciolo e diz:

- «Muitos personagens celebres têm escripto sobre a nobre arte e sciencia da escripturação, como o irmão Luca Paciolo, da Ordem de S. Francisco». Mas Impyn não soube dizer que o seu trabalho não era mais do que uma traducção do tratado do irmão Paciolo. A critica esclarecida de Kheil não deixa duvida a este respeito, Jan Impyn copiou Paciolo.

Assim, a primeira obra em flamengo sobre o methodo das partidas dobradas, apparecida em 1543, é uma traducção da de Paciolo e como a obra de Impyn foi no mesmo anno de 1543 traduzida para o francez, - e é esta traducção o primeiro tratado apparecido nesta lingua, - segue-se que também o primeiro tratado em lingua franceza é uma traducção do de Paciolo. Jan Impyn residiu na Hespanha, em Portugal e na Italia, onde esteve doze annos em Veneza. Ahi teve elle em mãos, sem duvida, a obra de Paciolo, que traduziu para o flamengo,-servindo a traducção flamenga para se fazer a franceza. Eis como se

exprime Reymondin, falando de Impyn: - Monsieur P. Kheil, de Prague, a consacrè à cet auteur plu-sieurs pages fort interessantes dans son etude. « Uber einige» qui nous revêle que l'æuvre d'Impyn est une traduction assez fidèle du « Tractatus» de Paciolo.

Na Allemanha entraram as partidas dobradas por meio de uma traducção do Quaderno doppio col suo Giornale secondo il costume di Vinetia, de Domenico Manzoni, cuja primeira edição é de 1534. A traducção publicada em Nuremberg, em 1549. ê de Wolffgang Schweicker, que residia em Veneza ao tempo em que o seu trabalho apparecia em Nuremberg.

E o interessante é que o traductor allemão do Quaderno Doppie não menciona, não faz a minima referencia ao trabalho original... Ainda aqui temos a influencia, ou, melhor, ainda aqui temos reproduzido o Tractatus de Paciolo.

Sabem todos que Domenico Manzoni, excepto os exemplos praticos de sua obra, copiou o tratado de Paciolo.

A parte expositiva do seu livro é mera transcripção do Tractatus de computis et escripturis. Os proprios italianos o confessam. E' Cerboni quem o diz:

- all Libro Mercantile» (apparecido primeiro com o nome de « Quaderno Doppio» si può dire una riproduzi-one del Trattato di fra Luca, di cui si limita a ravviare un po meglio l'ortografia, se non la dicitura».

E' Plinto Bariola: -«Il Libro Mercantile non é però che una riproduzione quasi fedele del Tractatus di Paciolo. Taluni capitoli vi sono tolti di peso».

Assim, pois, copiado por Man-

zoni, e este copiado por Schweicker, é Paci lo quem introduz na Allemanha o methodo das partidas dobradas.

Incontestavelmente, senhores, foi a obra de Paciol que tornou conhecido no mundo commercial o methodo das partidas dobradas. Um excellente historiador inglez assim o diz:

-Paciolo's treatise, incorporated without mention of his name in Manzoni's Quaderno doppio, soon made its progress through the commerce

zoorlds.

Não admira que assim fosse, porque na verdade a obra de Paci lo era degna de imitação como excellente modelo:

E' o já citado historiador inglez quem o affirma:

-«When so excellent a system, therefore, was described with the methodical clearness ad mastery of detail which Paci 110 commanded, it was natural that treatise should become a standard. And this is exactly uhat happened.

A obra paciolana permaneceu como excellente modelo, copiado sem cessar durante todo um seculo, na Italia e em todo o mundo, já tomada em seu original já de Man zoni que a reproduziu no seu Quaderno Deppio, accrescentando lhe apenas uma admiravel exemplificação.

A clareza, a exactidão com que Paciolo expõe o mechanismo das

partidas dobradas, como ellas então se praticavam, tem admirado os proprios historiadores italianos

Lucchini declara, falando do frade toscano:

— Ordinando per primo colla massima semplicità e con una chiarezza e precisione evidentissima, le massime ed i principi regolatori delle serit ture».

Biciola chama lhe «il primo vero illimiratore del metodo a scrittura doppia; e non solo il primo ma il più importante fra tulti gli scritori del pri mo ciclo della nostra letteratura».

Foi de tal ordem a influencia do methodo italiano, —assim chamado por ter s-hido do exposto de Italia, —que os tratadistas extrangeiros por muito tempo declararam que escreviam «A' maneira de Italia». Em 1608 apparece o segundo volume da obra de Simon Stevin que já em 1605 havis dado a lume o primeiro tomo Intitula-se a obra de Stevin «Memorias Mathematicas» e nella se encontram compendiadas todas as lições que elle como professor deu a Mauricio de Nassau principe de Orange.

Nesta obra, no segundo volume, deu Stevin, a exemplo de Luca Paciol, um tratado de escriptura ção por partidas dobradas que elle desejava ver applicada nas adminis

trações publicas.

Steviu, que pela sua vasta illustração bem podia tomar posição ao lado de Paci 10, deu ao seu tratado este titulo altisonante:

De Abologistica Principum Ratocinio Italico, — que se póde traduzir assim: Tratado de escripturação para Principes à maneira de Italia. E' curiosa a obra de Stevin. Com o fim de preparar a exposição das contas necessarias aos principes, dá elle, a modo de introducção, uma inteira exposição das partidas dobradas applicadas ao commercio. E ahi vai el e admiravelmente bem. Mas, quando entra no assumpto escolhido, — a escripturação dos principes, —nesse caso não se póde dizer que tenha sido feliz.

Nenhuma exposição positiva. As contas nada exprimem com clareza. E ha contas para tudo, até para a cosinha dos principes—culina rial

dispensatio.

Depois, num capitulo, quer provar que já os antigos conheciam as part das dobradas e nos diz que atabulae accepti et expensi» significa « Razão » - como se isto fosse verdade No entanto o historiador Jacer nos ensina que a escripturação das administrações publicas melhorou consideravelmente depois do apparecimento das Memorias Mathematicas, nas quaes Stevin não cessa de dizer que os commerciantes andavam melhor informados dos seus negocios e eram menos defraudados que os principes, -e isto em consequencia da escripturação que usavam á maneira de Italia.

(Continua).

REFERENCIAS ESPONTANEAS

QUE AGRADECEMOS MUITO RECONHECIDOS

IMPRENSA

De *O Trabalho Nacional*, de Março de 1929, orgão da Associação Industrial Portuense.

"A Voz do Comercio,,

Assim se intitula um novo quinzenario, orgão dos contabilistas e guarda-livros, que se apresenta com excelente aspecto gráfico, com colaboração veriada e muito interessante, mantendo também secções de caracter técnico e literário, de informação comercial, de propaganda e outras.

A «AVoz do Comércio» apresentamos as nossas saudações.

Do «Noticias d'Evora», de 5 de Fevereiro de 1929.

"A Voz do Comercio,,

Quinzenario dos contabilístas e guarda-livros. Redacção e administração, rua de Santa Catarina, 502-Porto.

Recebemos o namero um desta utilissima publicação para as classes interessadas que certamente devem concorrer para a sua manutenção e progresso.

Agradecemes.

LEITORES

Esmoriz, 18 de Janeiro de 1929.

Ex.mos Amigos

Felicito os pelo exito obtido com a saída de Vosso excelento Jornal que muitos e muitos serviços poderá prestar á causa que se propõe defender.

Agradou-me a sua leitura. .

Com muita estima e consideração me subscrevo. De V. Ex.as Mt.º At.º V or e Obg.o Manuel Joaquim P. de Sá Ferreira.

Ex.mo Snr. Antonio Martins da Fonseca.

Acusando a recepção do n.º 1 de «A Voz do Comercio», informo V. Ex.ª de que é com muita satisfação que desejo contar-me no numero dos assinentes de tão util publicação, e, na pessoa de V. Ex.ª saudo a Redacção, desejando a «A Voz do Comercio», largos anos de vida e uma prosperidade tão erescente como merceo a iniciativa de tal publicação.

Subscrevo-me com toda a consideração, De V. Ex.ª

(Continua)

De V. Ex.*

Mt. At. V. or e Obg.*

Antonio de Figueiredo e Silva.

SECÇÃO TÉCNICA

ARITMÉTICA COMERCIAL

ABREVIACIONES DE LA MULTIPLICACIÓN

tiplicador es tipo tipo o objet separando a la dere-Hay casos en que han de efectuar-se varias multiplicaciones y en todas ellas entra como factor un mismo número. Quando se trata de números compuestos de varias cifras, este caso de factor constante se simplifica formando una tabla auxiliar de los productos de los nueve primeros números por el referido factor constante y al efectuar las multiplicaciones, los productos se toman de dicha tabla, colocándolos convemientemente unos debajo de otros y se suman. La construcción de la tabla és fácil. Se colocan en línea vertical los nueve primeros números y á su derecha una raya. En donde está escrito el guarismo uno y en linea horizontal se escribe el factor constante. En el lugar que ocupa el guarismo dos y también en linea horizontal, se escribe el duplo del factor constante. En el lugar que ocupa el guarismo trés, se escribe en linea horizontal la suma de las dos cantidades colocadas anteriormente. En el lugar que ocupa el guarismo cuatro; la suma de los números primero y áltimo. En el que ocupa el guarismo cinco, también la suma del primero y último, y asi sucessivamente hasta llegar al guarismo nueve. Los productos del factor constante por uno, dos, tres, cuatro, etc. serám los números que en el mismo renglón están á la derecha de çada número, y será indicio de que la tabla está bien hecha, si sumando el producto correspondiente al guarismo uno con el produ to correspondiente al guarismo nueve, resulta ser la suma el primero de los productos citados, con uno cero á la derecha. Propongámonos multiplicar el 47548 por otros varios e empecemos por formar la tabla de multiplicáción de los nueve primeros números por el citado factor constante 47548. Afairfile primag

lum to is remembed a placed a local wavele screen all

He aqui dicha tabla;

de gamebantent w

k solisons (i)

	47548
	95ng6
	- 142644
200	-191192
	- 237740
100	- 285288
	-332836
	- 380384
9	- 427932

I decad a receber

Comprobemos si la tabla está bien formada:

Producto por 1 47548 Producto por 9 Suma 475480

ó sea el 47548 con un cero á la derecha que es el producto del factor constante por 10. Apliquemos la tabla e hallemos el producto de 32759 por el factor constante 47548.

Dispondremos la operación en la siguiente forma

fight discoursewing go elected the in critices transpar

ones estantion ersits expenses as estangent rolar sedigaliquiem le agest ab gran on 1,8 tog continue to the the system nan tina como à la denie accellivas y as sumasse 427932 diado es el proquello. 237740 332836 95096 142644

Estos productos parciales han sido tomados directamente de la tabla. Hay otros casos en que dos ó más cifras consecutivas del multip icador forman un número múltiplo de otra û otras cîfras. Entonces se multiplica el multiplicando por la cifra del multiplicador de la cual forman un número multiplo las otras citras y el producto por éstas se obtiene multiplicando el producto hallado por dos, tres, cuatro, etc, según del número e veces que el múltiplo contiene el número submúltiplo antes citado.

De este modo el producto total se consigue con menos productos parciales. Propongámonos hallar el producto de 64725×36123. Dispondremos la operación en esta fórma:

64725 36123 ob opostors producto de 64725×3 194175 » » 194175×4 776000 2330100 » 776700×3 2338061175 producto total.

Las cifras de las decenas e centenas del multiplicador forman un número múltiplo de las cifras de las unidades; esta es 3 y aquellas dos forman 12 ó sea 3 X 4, de modo que el producto del multiplicando por las decenas y centenas es el producto del producto de las unidades por 4. Del mismo modo, las cifras de los millares e decenas de millar del multiplicador que 36, forman un número múltiplo de las decenas y centenas que son 12 ó sea 3×12=36; de manera que multiplicando por 3 el producto del multiplicando por 12 obtendremos el producto de dicho multiplicando por 36. Así con solo tres productos parciales, en vez de cinco, obtenemos el producto de los dos números propuestos.

Naturalmente en la colocación de los productos parciales la primera cifra ha de estar colocada debajo de las unidades del mismo orden que represente la primera cifra de la derecha de las que forman el grupo del multiplicador.

Para multiplicar un número por 75 se le conside-

ran dos ceros á la derecha y se saca la mitad y la mitad de esta mitad. La suma de los dos cocientes es el producto. Ejemplo: 4827×75.

Dispondremos la operación en la siguiente fórma:

4827 241350 mitad de 482700 120675 mitad de 241350 362025 producto

Esta abreviación se efectúa de la misma manera, ya sea el multiplicador 75, 7,5 ó 0,75. En el caso de haber decimales, se separan á la derecha del producto una vez obtenido, tantas cifras decimales como tenga el multiplicador.

Para multiplicar un número por 875 se consideran tres ceros á la derecha, se sacan tres mitades consecutivas y se suman. El resultado es el producto.

Ejemplo: 4673×875. Dispondremos la operación en la siguiente fórma:

La misma abreviación puede efectuarse si el multiplicador es 8,75, 87,5 ó 0,875, separando a la derecha del producto de las cifras decimales correspondentes.

(Continua).

Da Revista de Contabilidade y Ciencias Comerciales, de Valencia.

UNIFICAÇÃO DOS BALANÇOS

Um dos varios problemas da Contabilidade que mais discutido tem sido pelos contabilistas e chamado a atenção dos governos de alguns paizes, é a «unificação dos balanços».

E' realmente um problema quasi irresoluvel, pelas divergencias de opiniões expandidas em revistas, livros, congressos nacionais e internacionais, e que novamente vae ser debatido no proximo VI.º Congresso Internacional de Contabilidade.

Insurgem-se todos contra a pouca clarêsa dos balanços e reclamam a necessidade de se obrigar á publicação de balanços minuciosos, claros, compreensiveis para todos, de forma que o publico, em geral leigo em assuntos de contabilidade, possa, pela sua leitura, apreciar o valor de uma emprêsa, a evolução de exercicio para exercicio e fazer comparação com outras.

Varias tem sido as opiniões para a solução do assunto, e que sintetizamos em três correntes: (a) a liberdade no tipo de balanço, (b) a unificação dos balanços, (c) a fiscalisação por entidades tecnicas.

A liberdade de escolha no tipo de balanço, constitue a corrente contrária á unificação do balanço, apoiada pelo advogado parisiense Jacques Charpentier, que no seu tratado pratico de balanços e inventarios, considera o tipo uniforme de balanços, uma utopia, por a contabilidade não ser uma sciencia tirada por dedução de principios abstractos, como a matemática, mas por traduzir numa certa linguagem, factos economicos que diferem duma emprêsa para outra. Assim, a diversi-dades de operações, as condições de exploração, os recursos financeiros, os processos de organisação, são tantas diferenças, que indubitavelmente se vão reflectir na contabilisação. Preconisa que o balanço deve contêr: (a) Uma comparação com os exercicios anteriores; (b) os saldos de todas as contas agrupadas segundo a sua naturêsa; (c) comparação entre o passivo exigivel e as disponibilidades; (d) o estado do capital; (e) valor descriminado das imobilizações; (f) valor das amortisações separado do das reservas. E seguindo estas indicações apresenta o seguinte exemplo de balanço, contendo as contas mais usuais:

ACTIVO

Acionistas

Gastos de instalação Concessões Terrenos Construções Marcas Material diverso Mobiliario Comercial Etc.

Caixa
Depositos á ordem
Contas correntes
Mercadorias
Matérias primas
Letras a receber

Produtos em laboração Cauções Participações industriais ou comerciais Mercadoriaes á consignação

A curto Creditos certos Creditos duvidosos praso Creditos em juizo

Rendas adiantadas
Impostos pagos adiantadamente
Gastos diversos pagos
adiantadamente

PASSIVO

Capital Reserva legal

Reservas estatuarias
Para amorde acções
tisação de empres-

Para incendio
Para acidentes
Para renovação de material

Para desvalorisações de titulos e mercadorias Para ensaios, etc.

Emprestimos de tal ano, 5°/. Emprestimos de tal

Para gastos de instalação

Para imobilisações Para dividas perdidas Para mercadorias antigas

Letras a Pagar

Depositos á vista
Di viden dos não reclamados
Debitos exigiveis
Cauções depositadas
praso Debitos hipo-

Gastos diversos vencidos e não pagos Coupons vencidos e não pagos Perdas e Ganhos

tecarios

A corrente reformadora pró unificação dos bala u

cos, e traduzida pelas palavras do contabilista belga Neymark: «E' preciso fazer luz, e mesmo muita luz, sobre a questão de balanços, pois se trata do unico elemento á disposição do publico para se documentar sobre a situação de uma empresa.

Se os usos comerciais não são suficientes para isso, é a Lei que deve forçar as resistencias. O balanço é uma questão das mais delicadas, e é dever de todos os membros responsaveis pelo bom andamento dos negocios—tais come, administradores, directores, contabilistas, e principalmente estes—o serem os mais cuidadosos na conclusão do balanço».

Esta corrente tem tido imensos adeptos e foi aprovada no 5.º Congresso Internacional de Contabilidade, relisado em Bruxelas em 1926, a unificação do balanço, que confirmando a classificação das contas aprovadas pelo 3.º Congresso, em Gand, em 1813, preconisou a sua realisação da maneira seguinte:

O «activo» com as contas classificadas segundo o movimento de valores representados segundo a sua liquidação;

O «passivo» classificando as contas em função dos vencimentes exigiveis.

Assim segundo a formula sintetica de um Balanco-tipo, proposta pelo professor Georges Alesseau, da Academie de Haute Etudes Commercieles et Industrielles de Bucarest, e aprovada por unanimidade, é apresentado da seguinte maneira:

ACTIVO

PASSIVO

I Disponivel

I Exigivel:

II Realisavel:

Debitos com garantias a curto praso (a 30 dias – a 6 mezes) a longo praso (a mais 6 meses) de pronto (1 a 30 dias)

a curto praso a longo praso

II Não exigivel:

III Valores aleatorios

Capital inicial Reservas ou previsões não especificadaa. Amortisações

IV Valores imobilisados:

de produção de venda

V Resultados (prejuizos) III Resultados (Lucros)

Contas de ordem

Total

Total

Obedece esta fórmula de balanço ao movimento racional de valores, e para estabelecer comparação entre varias emprêsas.

A terceira corrente podemos dizer, que harmonisa as duas antecedentes, tendo por objectivo a criação duma entidade fiscalisadora constituida por profissionais. Assim, na Inglaterra, os balanços das sociedades anonimas e Bancos, só são discutidos pelas assembleias gerais, depois dos peritos contabilistas, chamados «auditors» os terem verificado. Noutros paizes, ha entidades fiscalisadoras oficiais, mas a sua acção é especialmente sobre os Bancos, como nos Estados Unidos da America do Norte que tem um sistema de fiscalisação muito rigoroso, constituido pelo «Com-

ptroller of the Currency» que nomeia peritos para examinar a situação dos Bancos. O Chili criou por decreto-lei de 26 de Setembro 1925 a superint ndencia dos Bancos, que tem por obrigação fazer pelo menos uma fiscalisação anual no Banco Central de Chili, a todos os Bancos nacionais e estrangeiros e pedir ás instituições de crédito um balancete sobre a sua situação.

Esta corrente é admiravelmente desenvolvida por E. Tucci, no seu livro «Le Banche di depositi», em que propõe a colaboração entre um orgão oficial que exercerá uma vigilancia externa e os inspectores pro-

prios do Banco.

Entre nós, nada houve sobre tipos de balanços até 1896, sendo neste ano para reprimir os abusos dos Bancos, principalmente devido á crise de 1891, que por efeito da lei de 3 de Abril de 1896 saiu a Regulamentação dos Bancos, que impozelhes uma classificação de contas, para balanços, de forma a os tornar mais compreensiveis e uniformes; porém a faculd de de inserir outras rubricas, deu em resultado o voltar-se ao que se fazia antes, por as direcções dos Bancos aproveitarem esta regalia, para com o emprego de rubricas diversas ocultarem a sua verdadeira situação.

Passou-se depois para a fiscalisação por entidades oficiais, criando-se a Inspecção do Comercio Bancario, que por decreto de 20 de Março de 1925, devia estabelecer em harmonia com o artigo 42.º, um modelo de balancetes mensais, e que por falta de regulamentação daquela entidade, o modelo não apareceu e por isso tambem a sua acção não tem sido tão eficaz se bem que alguns relevantes servicos já tenha prestado.

Isto porém, diz apenas respeito aos Bancos, pois sobre as sociedades anonimas nada ha; os seus balanços por vezes são ininteligiveis, elas não teem vida, não progridem por falta de capitais e afectam extraordinariamente a economia do paiz, pois muitos produtos que podiam ser cá feitos, são importados, o fiel da balança do comercio acusa constantemente desfavoravel e isto porque... todos receiam as sociedades anonimas, não dão confiança, e as economias do povo vão para as caixas economicas ou para bilhetes de tesouro, quando não vão para o estrangeiro

Para as sociedades anonimas darem confiança ao publico é preciso que este tenha confiança nos seus balanços, o que só se obtem pela fiscalisação de perios contabilistas, como se pratica principalmente na Inglaterra. Comissões tem havido compostas de jurisconsultos, comercialistas ou não, que embora nomeados oficialmente, nada têm apresentado, e nova comissão está nomeada para tratar do assunto, que se os praticos, isto é, os não diplomados com o curso superior de comercio, não trabalharem, terão surprêsas... mui desagradaveis para o seu brio profissional.

Na Inglaterra os membros «The Society of Incorporated Accauntants and Auditors» são de duas categorias: os «Tellows» e os «Associates». O titulo de «Associates», (A. C. A.) é concedido aos guarda livros que (1) teem mais de 21 anos de idade, (2) teem pelo menos de 5 anos de pratica como guar livros e (3) são aprovados em três provas profissionais de especialidade. Para serem admitidos como «Fellocus (F. C. A.), os «associates» precisam ter 5 anos de actividade.

Reparem e estudem o assunto.

F. Caetano Dias.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

A CLASSIFICAÇÃO RACIONAL DAS CONTAS DO RAZÃO

Tivemos já ocasião de nos ocuparmos da classificação alfabética, aplicada aos livros de contas correntes (clientes, fornecedores, etc.).

Ocupar nos emos, hoje, da classificação racional das contas do «Razão Geral». Neste livro, a classificação alfabética não é já de molde a satisfazer, por isso que nos será preciso atender á natureza particular de cada uma das contas e á sua função especial.

Estas contas, em numero variavel, conforme a importancia da emprêsa, devem ser ordenadas de maneira a permitirem um exame rápido da situação geral do organismo económico para o qual foram criadas sem nos obrigarem a uma ginástica complicada atra-

vez de um «razão» ou de um balancete.

Em geral, os balancetes da maioria das emprêsas pecam por falta de classificação das suas contas, não nos permitindo, por isso, estabelecer com facilidade a comparação das suas sucessivas situações económicas. Os informes que nos prestam são apenas de um interesse relativo, porque o nosso espírito sente-se derrotado ao tentar examinar uma fila, por vezes numerosa, de contas dispostas sem método, ao acaso.

Assim, não é extranhavel que o chefe de uma casa veja nos balancetes apresentados pelo guarda-livros

apenas uma série de números sem interesse.

O balancete mensal deve ser mais alguma coisa do que um meio de assegurar a exactidão dos lançamentos.

Para maior clareza, utilizar-nos-emos de um exemplo numérico.

Balancete de Agosto de 1928

						PH		
Caixa								13 500800
Devedores duvido								1.390500
Instalações								30.000500
Letras a Receber								13.000500
Devedores Gerais								11.000500
Fazendas Gerais								80 000800
Bancos e Banquei	ros							15.000500
Prémios de Segu			gos	an	teci	pad	la-	TOTAL STREET
mente					-			150000
Caução Gás e Ele								80500
Móveis e Utensilie						1	1	16.000800
Valor Comercial								20.000000
								15 508.00
The second second	Sor							215.628500
	501	1100		•		2		213.020000
					v			
			-		•	•		
		-						
Capital								97.000800
Credores Gerais.								22.850500
Amortizações .								11.621800
Reservas								15 600500
Fornecedores .								33.770500
Contas Particular	es.							3 + 867500
	Son	na						215 628\$00

Se olharmos para este balancete, que vemos nós? Pouco mais, de facto, do que uma série de numeros. É se as contas fossem muito numerosas? Pior ainda, porque nada veriamos então.

Estabeleçamos o mesmo balancete ordenando metódica e racionalmente as suas contas.

Fundada em Janeiro 1925

Balancete de Agosto de 1928

ACTIVO

1—Imobi	lisações (Capitule)		201501
a) b) c)	Móveis e Utensilios .	20.000\$00 16.000\$00 30.000\$00	
2-Valo	res Comprometidos (Capitule)	5,00	1000
a) b)	dade	80500	The shoets
c)	Fazendas Gerais	80.000500	ar sugaratora
3-Valor	ros Disponiveis (Capitulo)		promptal
a) b) c)	Caixa	13.000\$00 13.500\$00 13.000\$00	mest A
4-Valor	res Realizavels (Capitulo)		
a) b) c)	Clientes	15.508500 11 000500 1.390500	27.898\$00 215.628\$00

PASSIVO

5-Valor	res Exigivels (Capitulo)		elerio e
a) b)	Fornecedores Credores Gerais	33.700500 22 850500	56.550800
6-Amo	rtizações e Reservas (Capitulo)		entry of
a) b)	Amortizações	11.611800 15.600800	27.211500
7—Cont	as do Capitalista (Capitulo)		
a) b)	Capital		
	Total do Passivo		215.628\$00

Este ultimo balancete já é evidentemente mais claro; examinando-o, vemos imediatamente a situação geral da emprêsa.

Como chegar praticamente a um resultado iden-

Só um razão de folhas móveis pode automáticamente permitir, sem fadigas nem canseiras, a introdução dêste melhoramento. Dizemos só um razão de folhas móveis porque, na prática, nos seria dificil e tomaria muito tempo proceder todos os neses á classificação das contas do razão, se elas se encontrassem dispostas ao acaso, como acontece com os livros de folhas cosidas.

Estas razões bastam para nos convencermos da impossibilidade de se manter um plano de tal ordem se não utilizarmos para razão geral um livro de folhas móveis.

Silvino Sotto Mayor.

PARTIDAS TRIPLAS

IV

CONTAS SYSTEMATICAS

Tivemos occasião de examinar em nosso artigo anterior o «Livro Principal», das partidas triplas, onde se lançam chronologicamente as operações, os factos de gestão e onde já se esboça um principio de systematisação de contas, pela separação das parcellas, sempre que possivel, referentes a valores — mercadorias, caixa, debitos e creditos em contas correntes, valores mobiliarios, machinismos, immoveis, etc. — das parcellas que se referem apenas, ao capital, isto é, daquellas que se manifestam sobre elle de uma fórma positiva ou negativa, por um augmento ou por uma diminuição.

Comprehende-se facilmente não ser esta classificação tão elementar em si sufficiente para dar uma ideia perfeita de todos os valores componentes do patrimonio, quer activos quer passivos. As partidas triplas recorrem, pois, a mais um livro, o das contas systematicas, em que, na abalisada opinião do autor por nós já tantas vezes citado, a contabilidade está em condições de seguir a empresa em cada uma de suas especialidades, em cada uma das categorias de operações especialmente distinctas em que se desdobra a actividade da mesma empresa. As contas especialisadas, systematisadas, differenciam se entre si seja pela natureza das mercadorias ou de quaesquer outros valores, seja pelas differentes pessoas com as quaes a empresa se acha em relação de negocios, ou seja ainda pelo caracter de certas despezas. Dahi tres categorias de contas systematicas, as quaes são fundamentaes.

Numero de livros consagrados á escripturação das con-

tas systematicas.

Em geral não ha em uma exploração qualquer mais do que um livro para as contas systematicas. Na pratica, porém, de accôrdo com as exigencias do serviço, esse livro pode ser fraccionado em muitos outros, que, na realidade, não passam de um unico; são as partes do mesmo corpo. Se a empresa se divide em muitos ramos distinctos, se cada um desteramos se administra isoladamente, é evidente que o trabalho do guarda-livros deverá ser facilitado e simplificado, pela divisão racional da escripturação.

Condições impostas pela contabilidade para a escriptu-

ração das contas systematicas.

Todo o systema de contabilidade bem organisada deve preencher as seguintes condições, para a escripturação das contas systematicas. 1.º As contas precisam conter todas as informações indispensaveis á especialidade a que se applicam. E' forçoso que nellas se encontre portanto:

 A quantidade dos valores em questão: pesos, medidas, volume e o preço de venda estabelecido de accordo com os preços fixos

da casa.

 O preço de compra das mercadorias ou demais valores.

c) O total exacto das entradas e sahidas.

2.º As contas systematicas precisam de meios efficazes de verificação; é necessario, pois, que se encontrem todos os elementos desta verificação, como; a) quantidade, b) preço, importancia total, etc.

3.º Não se deve abrir grande numero de columnas nos livros, de modo a não complicar muito os lançamentos; as informações secundarias, como numero de acções ou de obrigações, marcas de mercadorias chegadas ou expedidas, acham se lançadas no resumo das operações.

4.º A escripturação das contas systematicas deve ser a mais uniforme possivel.

A multiplicidade de dispositivos só servirá para redobrar o trabalho do guarda-livros e se transformará isso em uma fonte de enganos.

5.º Torna se necessario que as mesmas contas facilitem as investigações rapidas de pormenores e é uma razão demais para se regularisar com o maximo cuidado a fórma e a disposição dos lançamentos systematicos. Está claro que sómente os lançamentos uniformes para as differentes contas preencherão plenamente esta desiderata.

Disposição adoptada para o registro das contas systematicas.

Não ha nas partidas triplas, senão uma disposição para todas as contas. Se uma ou algumas columnas do modelo abaixo não forem uteis para os lançamentos de certas contas, deixar-se hão em branco.

Eis o modelo:

Fclios	A CONTRACTOR OF STREET OF STREET	Preços	Quantidade		Importancias		Resultado	
das	Data e resumo das operações		Entrada	Sahidas	Entradas	Sahidas	Diminui- ção	Augmen-
14.0s W	Contraction of Section 1997						1	
		7.0 193.						
	(contract)					uga S . (Fr		inguis.

(Continua).

José Mascarenhas.

OBRIGATORIEDADE DE ESCRITURAÇÃO

Mas para a execução desta obra, demasiado grandiosa para as nossas fracas forças, torna-se necessario conseguir a colaboração daqueles a quem ela possa interessar, isto é, dos comerciantes, por intermédio das suas Associações de Classe.

Pedir Iha hemos e julgamos que a obteremos, pois sempre temos visto, entre outras, a Associação Comercial do Pôrto, na vanguarda da defesa dos interesses dos seus associados, e assim é que, não há muito tempo ainda, a referida Associação aplaudiu publicamente a alteração introduzida, por Sua Ex.ª o Snr. Ministro da Justiça, no Codigo do Processo Comercial, na parte referente a Concordatas.

Vamos procurar justificar a necessidade de levar a efeito a efectividade da obrigatoriedade de escrituração.

E' vulgar um individuo ou sociedade abrir um estabelecimento, que, com as facilidades hoje concadidas a qualquer, consegue sortir-se convenientemente e num curto espaço de tempo, quasi meteoricamente, reunir credores, infligindo lhes um pesado prejuizo.

Isto não é uma afirmação gratuita; pode-se comprovar.

Estes individuos, gosando duma impunidade que revolta e que espanta, voltam a estabelecer-se novamente, apenas mudando de firma, e repetem a façanha certos da impunidade e, se por acaso da primeira vez tiveram algum receio, já o não podem ter agora, porque, por experiencia o sabem, não correm risco algum.

Hi até individuos, soi disant, procuradores que se encarregam de regularisar estas equivocas situações a troco de grossos proventos.

E' muito recente ainda um requerimento dirigido ao meritissimo Juiz do Tribunal do Comercio pelos jurados do mesmo, pedindo a prisão dum dêstes individuos e no qual se alegava que em quási todas as concordatas a homologar se via a sua intervenção (o que não constitue crime) mas que, não se limitando apenas a fazer procuradoria, ia mesmo a casa de alguns comerciantes propor-lhes o arranjo duma concordata, à que êle chamava um negócio, embora êsses comerciantes se encontrassem em bôas condições financeiras.

Isto ouvimos nós em plena audiencia do Tribunal do Comércio.

Credores há tambem que, lamentavelmente fazem advocacia perante os outros seus colegas a favor do concordatário, a trôco de receberem os seus créditos integralmente.

Nós pretendemos terminar com êste estado de coisas, pretendemos moralisar as Concordatas e Falencias e, de algum modo, diminui-las.

Moralisar e diminuir o numero de Concordatas e Falencias é uma obra de absoluta actualidade que se impõe, que urge executar a bem do interesse geral.

Consegui-lo-hemos com a obrigatoriedade de escrituração?

Julgamos que sim, pois se conseguirmos que todos os comerciantes tenham a sua escrituração devidamente em ordem, conseguido está tambem obstar a tanta falsificação efectuada nos livros para dar a aparencia de inocentes e assim livrar dos rigores da lei aos por ela beneficiados.

Não tenhamos duvidas, no dia em que as escriturações expressem a verdade, não haverá mais a possibilidade de roubar impunemente.

Dir-me-hão: — A obrigatoriedade de escrituração encontra se já ordenada por lei.

—Encontra se já ordenada por lei, mas notemos bem, platonicamente, seria a nossa resposta; com efeito, todos os comerciantes, salvo exiguidade de comércio e falta de conhecimentos literários, são obrigados a possuir determinados livros e a tê-los convenientemente escriturados, mas nenhuma autoridade, seja mesmo Juiz, pode ordenar ou fazer varejo á escrituração.

Isto equivale a dizer que só possue escrituração quem quizer.

E' verdade que, em caso de Falencia, a falta de escrituração, é motivo bastante para que ela seja classificada de culposa, mas o pedido de classificação rarissimas vezes é feito, custa muito caro e mesmo nesta hipótese os falidos estão salvos, pois recorrem aos, para êles valiosos, serviços oferecidos nos jornaes por alguns guarda-livros, por exemplo:

Concordatas, Falencias, etc.

Diplomado e com 15 anos de practica executa escritas em curto tempo.

Prestam-se informações. Carta a . . .

Quer isto dizer que os comerciantes são obrigados a ter livros selados, embora em branco, e escrituração, se quizerem porque praticamente a legislação em vigor reconhece a inviolabilidade da escrituração e, em nosso entender, esta inviolabilidade deve continuar a ser mantida, mas devemos distinguir bem o que constitue a sua violação. Para haver violação de escrituração parece-nos ser necessario verlicar-se qualquer das seguintes hipóteses:

- a)—Haver conhecimento por meio dela da situação geral do património do comerciante.
- b) Haver conhecimento por meio dela dos lançamentos de encerramento de contas, referentes a finaes de exercícios.
- c) Haver conhecimento, por meio dela, do custo mensal do fabrico, nas escriturações industriaes,
- d)—Ser a escrituração retirada do escritorio do comerciante, contra sua vontade, para ser analisada.

Do que podemos concluir, salvo êrro, que, do exame eventualmente feito á escrituração dum comerciante, em sua casa e que não verse qualquer daquelas hipóteses, não resulta violação da mesma.

(Continua).

Sebastião Mendes

ASSOCIAÇÃO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS DO NORTE DE PORTUGAL

VIDA ASSOCIATIVA

CONSULTAS JURIDICAS

Pelo socio Snr. Luiz Pinto da Rocha N. A. Moutinho foi apresentada a seguinte consulta:

Em 1 de Janeiro de 1928 fundou-se uma sociedade comercial segundo todos os preceitos legaes.

Em 30 de Junho do mesmo ano liquidou por

motivo de prejuizos insuperaveis.

Tendo lhe sido lançada a taxa complementar é necessario para sua anulação comprovar os prejuizos havidos e para isso tem de se apresentar um balanço e de ser vistoriada a escrituração.

Não existem os livros selados... Portanto, como fazer? Manda-los selar agora, pagando-se a respectiva multa? E o registo no Tribunal do Comercio ainda podera ser feito?

Resposta dada pelo consultor jurídico desta Associação

A taxa complementar da contribuição industrial lançada «em relação aos lucros presumíveis ou verificados»... diz a lei.

Como os lucros presumiveis são muitas vezes superiores aos verificados, reconheceu o legislador ao contribuinte comerciante o direito de requerer o exame á própria escrita. Pode porem acontecer que a escrita não esteja ainda passada aos livros legais. Bastarão os livros auxiliares, apontamentos, documentos, etc?

Entendo que não.

Se o legislador aceitou como elemento de prova a escrita é porque ela oferece de facto condições de certo clareza e segurança que podem fazer fé.

Ora em relação ao comerciante a escrita é o que o Código Comercial definiu e que revista as caracteristicas que êle fixou. Só essa assegura certa atuenticidade, a ponto de o legislador lhe dar em juizo valor probatorio. (Codigo Comercial, art.º 44)

A apresenteção dos documentos, apontamentos e auxiliares poderia fornecer elementos para organisar a

escrita, mas não se lhe pode chamar escrita. E' a legalização dos livros, a autenticação pelo juiz, a enumeração das fôlhas, a ausencia de entrelinhas, razuras, emendas e transportes á margem, que lhe dão clareza e autencidade, sempre verificavel pelo confronto dos lançamentos com os documentos, confronto bem fácil.

Ao «tecnico» que a lei se refere não compete reconstituir a escrita do comerciante, mas tão somente examiná-la. Concluo por isso que a escrita a que o legislador se refere é a que êle exige nas leis respectivas e não a que o contribuinte quizer apresentar Quem a não tiver, tomada em tal sentido, não pode requerer exame. Poderá a sociedade em questão organizá-la?

Parece-me que sim.

A Sociedade não deixa de existir, juridicamente, senão depois que se dissolveu e a dissolução foi publicada e registada. (Codigo Comercial, art.º 123, 142 e

49 n.º 5 °).

Da consulta parece concluir se que a dissolução não se deu de direito, nem portanto se fez a publicação e registo respectivos. Logo a sociedade existe e nada impede que se muna dos livros legais, selando os e fazendo-os legalizar, e passando para êles, segundo os preceitos da técnica e da lei, o que consta dos auxiliares e da documentação arquivada. Feito isso poderá requerer o exame para efeitos fiscais.

Acresce que a Sociedade fundada em 1 de Janeiro de 1928 ainda está dentro do prazo que lhe é concedido pelo ar te 62 do Código Comercial para aprovar o seu balanço, e até lá, havendo negligencia condenável em não ter passado a escrita aos livros legais, não ha contudo ainda uma falta grave e irremediável sob o ponto de vista fiscal. Pareceme pois que a solução possível nesta altura é selar e legalizar os livros, passar para êles a escrita e, caso o técnico que faça o exame tenha dúvidas, mostrar-lhe a conformidade entre ela e a documentação arquivada.

O Advogado,

Melo Leote.

RECTIFICAÇÃO

A-pezar-de todo o nosso cuidado "A Voz do Comercio" tem apresentado varias gralhas, que muito nos desgostaram e de que pedimos desculpa.

No 4.º numero veem-se duas que não podemos deixar de rectificar.

Assim, a pagina 58, na coluna da direita, 10.ª linha contando de cima, lê-se: "2.º—Se arrastar o concordatario do Tribunal". O autor

tinha escrito: "2." — Se arrastar o concordatario ao Tribunal.

O artigo do Snr. J. Salazar Antunes: "A Organisação Scientifica na Contabilidade" não tem o nome do autor, porque devido a engano de composição foi posto no final da secção: "Entre Leitores", notando-se bem que está ali impropriamente.

DO PREÇO DA VENDA

Devéras simples—simplicissimo mesmo,—è o assumpto que vou expôr-vos; todavia, como apezar da sua simplicidade elle tenha, relativamente, uma principal importancia, eu chamo a esclarecida attenção dos meus prezados collegas, rogando lhes que, com mais proficiência e criterio, continuem e levem a bom termo os estudos a que este caso se proporciona:

N'outros tempos, antes d'essa formidavel hecatombe que em quasi todo o Universo fez correr sangue de irmãos, e que uma pseudo Civilisação consentiu, ficando a assignalar tristemente uma nova phase na Historia da Humanidade os commerciantes preoccupavam se bastante com os calculos dos preços, pelos quaes deveriam vender os artigos do seu commercio, desejando ganhar 10, 20 ou 30 %; porém, como a convulsão causada por aquelle acontecimento, alterou profundamente as normas regulares do comercio, commerciantes houve (felizmente em pequeno numero) que puseram de parte a arithemetica e trataram de realizar as suas vendas, pelo maximo possível, sem base alguma de percentagem razoavel de lucro.

Foi por esta altura que eu tive ensejo de lêr o livrinho modesto, mas utilissimo, da autoria de Adelino Coelho, intitulado «FORMULAS PRATICAS PARA UZO COMERCIAL» e foi debaixo da impressão que a sua leitura me cauzou que eu, encontrando me um dia com o meu Professor («meu Professor» é o termo quasi familiar pelo qual eu, ainda hoje, designo, sempre que me tenho de referir a elle, o Ex. mo Snr. Julio Gomes dos Santos, nosso presadissimo colega e consocio e meu bom Amigo, que tive a felicidade - alias immerecida - de têr por encaminhador dos meus primeiros passos na vida commercial) lhe fiz vêr que, na realidade graves consequencias resultavam da falta de observancia ao rigoroso calculo do «PREÇO DE VENDA». Achou, de facto, o meu Professor que o assumpto merecia sêr estudado convenientemente, não obstante dar margem a opiniões controversas, e separamo nos. Depois... como «primeiro a obrigação, depois a devoção» a falta de tempo e occasião, não me permittiram que me dedicasse mais ao caso. Como, agora, se offerece a opportunidade do nosso bom Jornal passo a voltar ao assumpto:

Supponhamos, por exemplo, que um commerciante comprou 100 metros de fazenda ao preço de custo 100800 por metro (com despezas incluidas) e que pretende vende la com uma percentagem de lucro de 20 °/0. Applicando a vulgar formula ERRONEA, faria:

Custo 100\$00 X 20 = 20\$00

Custo 100\$00+20\$00 = 120\$00 PREÇO DE VENDA

Exemplificando, praticamente, esta formula, resultaria n'um tremendissimo erro, visto que uma vez que tratamos de percentagem, é percentagem que devemos augmentar ao custo e nunca Escudos. Vejamos:

Confiando na exactidão do seu calculo ERRONEO, o commerciante effectuou a venda total da mercadoria, na dôce illusão de ganhar 20 °/0, a Esc. 120\$00 por metro, a contado, o que prefez um total da factura

de Esc. 12:000500; em seguida, tendo, portanto odinheiro em Caixa, resolveu liquidar, por sua vez, o seu débito ao seu sornecedor, pagando-lhe Esc. 10:000500; mas, querendo separar, antecipadamente, o seu lucro de 20 %, sobre o valor da factura, retirou da Caixa Esc. 2:400500, ficando, pois, com um saldo de Esc. 9:600500, importancia esta que não completava, por forma integral, o seu débito de Esc. 10:000500, dado o DEFICIT de Esc. 400500. Onde estavam, então os seus 20 %,? interrogaria admirado o commerciante.

Agora, apresentando um outro exemplo terêmos: Um commerciante comprou por Esc. 2:000500, 2 pipas de vinho tratado que applicando a formula ERRONEA que acabamos de constatar, vendeu por Esc. 3:0005000, na persuasão de que ganharia 50 %, como, de resto, facilmente, à vista nos parece; aconteceu, porem, que o seu devedor fez uma concordata, antes do vencimento da factura, promptificando se a pagar os seus débitos com 50 %, tendo sido devidamente homologada pelo Tribunal, esta concordata, o crédor recebeu pelos 50 %, seu crédito de Esc. 3:000500, Esc. 1:500500. Onde ficou, portanto, o seu lucro de 50 %, se os 50 % do valor da factura, nem sequer lhe dão margem a pagar ao seu fornecedor Esc. 2:000500?

Se desejarmos obter um calculo seguro, devemos adoptar sempre, de preferencia, a seguinte FORMULA PRATICA.

Preço do custo X 100
(100 — Percentagem de lucro)

ou seja, esclarecendo melhor, no ultimo caso apontado, por exemplo:

Preço de custo 2:000500 X 100 4:000500 preço de venda.

e ainda:

Como acabo de demonstrar, se o commerciante adoptasse a formula pratica, receberia integralmente, e preço de custo da mercadoria, deixando assim de ganhar a sua percentagem mas sem ter de registar DE FACTO prejuizo algum.

Terminando, devo deixar aqui consignado o meu reconhecimento antecipado pelos esforços que os estimados collegas hajam por bem envidar, no sentido de que esta formula, com as vantagens que encerra, ou mesmo até possivelmente melhorada, seja amplamente applicada, pois garante d'uma maneira exacta que o commerciante saiba que tem o lucro de tantos por cento sobre o preço de venda, embora a applicação d'esta formula PRATICA dê logar á critica controversa dos TEORICOS.

Porto, 1929

Henrique Martins da Fonseca.

SECÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

Mysticae Auptiae

(CONTINUAÇÃO)

TII

CANTO DO NAUTA

Minha barca corre, corre Per sobre o dorso do oceano; O vento sopra fagueiro, Expande, desfralda o pano!

> A sua casa branca Na praia lá s'esvae! A vaga preguiçosa Beijar os pés lhe vae!

O sol já vae esconder-se Por entre nuvens d'incenso; Vôa, vôa minha barca Por esse lençol immenso!

> Lá chegam os pescadores, Tudo a esp'ral-os vem; Quem sabe se ella agora Me espera lá tambem?!

A pesca foi abundante, Soprou sempre bem o vento; Vá minha barca depressa. Veloz como o pensamento!

> Sôam Ave-Marias No sino do logar; Maria juncto á Virgem Está por mim a orar!

Foge, foge minha barca, Sóme-te pelos espaços!... O' minha barca veleira... Ai, lança-me nos seus braços!...

Não se ouve mais: o resto dos cantares São intimos suspiros, que se perdem Da noite entre a rajada; o lasso corpo Lhe pende com desdem languidamente! Que morbidez n'olhar!... que sonhos bellos.

Guerra Junqueiro.

(CONTINUA)

CLEMENCIA

Perante Alexandre o Grande trouxeram um chefe rebelde ligado fortemente de mãos e pés a fim de que o rei o castigasse.

O rei da Macedonia mandou que o desligassem, e deu-lhe em seguida a liberdade no meio de espanto

geral.

Um cortezão aventurou-se a falar em nome de todos e disse ao monarca:

«Se eu estivesse no vosso logar, senhor, não usaria de clemencia para com esse homem>
Imediatamente Alexandre lhe respondeu:

«Porque eu não me encontro no vosso, lhe perdôo. Ignorais, sem duvida, que a clemencia tem, para as boas almas, muito maior doçura que a vingança.»

O perdão é sempre nobre e tanto mais nobre e mais para agradecer quanto maior é a gravidade da ofensa, mais alta a situação de quem o concede e menor a competencia do ofensor para medir a extensão do mal que praticou.

«Quem sabe perdoar a injuria, disse Holbach, é tido por todos os seres razoaveis como um homem bem mais estimavel que o insensato que o ofendeu

ou o cobarde que nada pode suportar.»

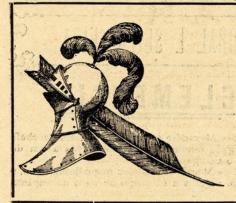
É alem disso mais previdente, porque se a clemencia o não põe ao abrigo de novos dissabores provocados por esse mesmo ofensor, menos garantias lhe dá o castigo, que em geral provoca ou acirra nos homens o maldito espirito de vingança.

LUIZ LEITÃO

AI HELENA!

Ai Helena! De amante e de esposo Já o nome te faz suspirar; Já tua alma singela pressente Esse fogo de amor delicioso Que primeiro nos faz palpitar!... Oh! não vás, donzelinha inocente, Não te vás a esse engano entregrar: E amor que te ilude e te mente, E amor que te ha-de matar! Quando o sol n'estes montes desertos Deixa a luz derradeira apagar, Com as trevas da noite que espanta Veem os anjos do inferno encobertos A sua victima incauta afagar. Doce é a voz que adormece e quebranta, Mas a mão do traidor... faz gelar. Treme, foge do amor que te encanta; E o amor que te ha-de matar.

Almeida Garrett



Mormino

SECÇÃO PARA OS NOVOS

DUAS MÃES

Numa linda tarde de verão duas mulheres conversavam na alea florida de um jardim. Ambas tinham junto de si os seus filhos, mas que diferença tão profunda entre essas crianças! Uma bem vestida, de caros tecidos, envolta em rendas e fitas, a outra tão simples no seu singelo vestidinho branco qual mimoso botão fechado ainda às desigualdades e tristezas da vida.

Oh, mas como é gentil a sua figurita flexivel, que alegria e inteligência fulgura em seus grandes olhos, como é rosado o seu rosto emoldurado em revolta cabeleira de um lindo tom de ouro! Palra, agita-se constantemente, brinca, ri, abraça o seu pequeno companheiro indiferente à sua alegria tão comunicativa, enfim todo o seu pequenino ser difunde saúde, alegria, gentileza. O outro, o rico, a-pesar-de todos os atavios, e de ter mais idade que o seu companheiro é uma criança estragada moral e físicamente. E' palida, de olhar triste e encovado, sorumbática, sem a vivacidade caracteristica da sua idade, de sorriso desconfiado e como que desdenhoso.

Emquanto os dois bébés brincam as suas mães conversam e vigiam-nos. A rica, quási indiferente à graça e beleza do filho da outra, procura enaltecer o seu, pobre pequenino doente e desengraçado, atribuindo-lhe graças e mimos que visivelmente não tem, e procura, talvez cheia de inveja, amesquinhar a criança pobre, cuja mãe sorri tristemente pela desigualdade e injustiça de ver o seu, tão lindo e desenvolvido, ser rebaixado pelo outro desengraçado e feio só pela diferença de riquesa dos dois, que nada contribuiram para essa

desigualdade e vendo naquela rápida scena uma visão do futuro.

Um, adulado por ser rico; outro, desprezado por nada têr.

Nisto a rica muda de tactica e procura ferir o amor próprio da outra, talvez para ver se assim se pode vingar da inferioridade do seu filho. Fala lhe de riquesa, de brilhantes, de teatros, de ricos vestidos, de tudo, emfim, que pode despertar o apetite de uma mulher nova; fala-lhe na compra de lindas coisas para o enxoval do filho, de ricos presentes que tem, do dinheiro que, para êle só, já tem destinado.

A outra, indiferente por si a riquezas, a divertimentos e a galas, entristece-se por ver que ao seu lindo Bébé faltava tudo quanto a outra alardeou e uma nuvem lhe toldou o olhar. Não que ela se sinta penalizada de não poder ombrear com aquela pois bem sabe que os ganhos do marido um honesto e bom carácter, lhe não podem dar esses luxos e não se lastima, mas tem cubiça de que o filho assim os não possa ter, e antevê em sonhos como êle seria lindo, mais ainda, cercado dessas bijouterias.

Mas. . é nuvem que depressa passa; olha para as duas crianças e compara-as e, longe de invejar as riquezas da que não é sua, lastima-a por a ver tão fraca, tão tristonha e seia e reconhece que a sua não precisa de adornos para ser bela; é forte e alegre, cheia de vida e inteligência e linda como os anjos que ornam o altar da Virgem. E, num rápido pensamento, agradece a Deus o ter-lhe dado a suprema riqueza de ter um filho tão perfeito e sadio.

Então, com um sorriso meigo,

SEMPRE TRISTE

Vós que sois inda criança, Como indica a vossa edade; Vós que sois uma esperança, Em que passa a Mocidade;

Porque viveis sempre triste?! Algum mal vos dilacera?... Olhai, que, tudo o que existe Nêste mundo, é só quimera!

Porém,—deixai-me dizer— Na vida, é só a tristeza... Que me faz amar e crêr E vos concede a beleza!

Tambem vos digo, senhora,

—P'ra alívio dessa tristeza—
Que a quimera é sedutora
E repleta de beleza.

Ayres do Coito Tavares.

no qual transparece o orgulho—legitimo e santo orgulho—diz á outra mãe apontando-lhe o filho estremecido:—aquela é a minha riqueza, único tesouro que Deus me deu e com êle me considero paga de todos os bens que possa usufruir sôbre a Terra.

A outra num sorriso forçado e cheio de despeito não pôde deixar de concordar e olhar para o pequenito que, ignorante das perfidias do mundo, ria e chamava num dôce murmúrio «Mamā»!

M. A. S. B.

O NOSSO LAR

SONHO DOS TREZE ANOS

O nosso lar! Que lindo êle há-de ser, meu Deus! Tão modesto e tam lindo esta alma o fantasia Que êle há-de ser, talvez, uma nesga dos Céus, Formoso éden do amor, de perene alegria...

Eu busco há muito já um refúgio bemdito Onde viva a sonhar, extranho visionário... Teu dôce olhar será um clarão do Infinito E o teu bom coração meu precioso sacrário...

Ah! não vês das paixões o vil tropel medonho?... Fujamos para nós, para o nosso coração... Na tôrre de marfim do Palácio do Sonho, Longe das multidões, viveremos então...

Nosso lar hei-de erguê-lo em alto monte e, assim, O Sol quando nascer hâ-de o beijar primeiro; Quando à tarde tambem num lago de carmim Saudoso hâ-de enviar-lhe o adeus derradeiro.

Modesta casa branca entre flores olentes,
—Madresilvas, jasmins, violetas, rosas, lirios,
Com pombas no beiral e fontes nas vertentes,
Um remanso de paz a lembrar os empireos...

Nos corcovões em flor as doidas borboletas Num delirio febril sugando o mel às flores; E nós, entre os pinhais, sob as sombras discretas, Vivendo em dôce enlêvo a vida dos amores...

Da tua bôca em flor libando o mel doirado, Teus lábios sôbre os meus, em cálida doçura, Terei então na terra o meu ideal sonhado, A paz do coração... indizivel ventura...

Ninguêm perturbará nossos sonhos amenos Na môrna placidês dum divino quebranto... De vez em quando, só, das aves brandos trenos Maviosos quebrarão nosso bizarro encanto...

Terá um só andar a nossa casa linda... Um só andar nos basta e livra-nos de escadas; Mas alto como dois ou talvês mais ainda, Portas de amplos umbrais, janelas bem rasgadas...

Por toda a nossa casa a luz há-de entrar leda, Na clara irradiação do prazer, da alegría... Nos tanques do jardim água, fazendo queda Em arcos triunfais, fechará a harmonia...

Na dôce placidês do nosso viver calmo, Nós havemos rezar, crer muito, muito amar: O dia hemos de abrir com um piedoso salmo, Fazer da nossa casa—um templo e um altar...

Todo o dia será uma oração perene A' suprema Beleza, ao Sonho, à Perfeição... ¡E nada que perturbe e nada que envenene A pureza da alma, a paz do coração!...

Em noites de tormenta havemos de exorar A' Senhora da Graça, à Virgem Mãe das Dores, A sua proteção p'ra os que andam sôbre o Mar, Tranzidos de aflição, miseros pecadores.

Havemos de pedir, em fervorosas preces, Pelos que andam na vida, exaustos, sem ter fé, Pelas almas sem luz e de instintos refeces, Para que a Virgem bela a crença aos pobres dê.

Pediremos ainda ao Supremo Senhor Para todos os maus o seu perdão de Pai, Para todos os bons firmeza, eterno amor, Inda que o Mal ribombe em trovões do Sinai...» Pediremos, em fim, por todos os que sofrem, Por todos que através dêste lôdo do Mundo Levam a sua cruz, p'ra que os anjos aljofrem Sua fronte viril onde a Dor cava fundo...

Porque é precisa, filha, uma crença robusta Em um supremo Deus e numa alma imortal... A História é mistér ler sob'rana Mestra angusta... —Quando tivemos fé... foi grande Portugal...

¡ Pobre sol a Razão se só cia nos guia! A crença é um farol na escuridão da vida... Na densa escuridão, já perto da agonia, A crença é como um luar,—luz dôce, entermecida...

Se morre uma criança—uma alma vôa ao céu...

Tombou da haste a flor,—evolou-se o perfume...
¡Eis a essência da vida! o misterioso véu
Ante nós se rasgou, toda a vida resume...

Se formos crentes, filha, em tôrno ao nosso lar Ha-de reinar a paz, o amor, a f'licidade... E quando a Morte um dia. em fim, nos vier buscar, Voaremos para Deus por toda a Eternidade...

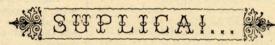
Foi êste o sonho lindo, a esp'rança sorridente Que me doirou a vida em meus primeiros anos... O tempo vai correndo... e eu noto, tristemente, Que viver é sofrer os mais crús desenganos...

Como eu quizera ter a mesma crença pura, A mesma fé no bem, o mesmo horror ao mal! ¡ Meu Deus, meu Deus! oh! dá-me essa ventura E encontrarei de novo o meu excelso ideal!...

Não fôsse eu rico só de sonhos, de esperanças, Que eu já teria há muito um éden singular, Uma nesga do céu, ninho de pombas mansas, Um centro de afeições,—um carinhoso lar...

Sam Jorge - Acores.

António Ramiro.



Pedindo, eu a alguem peço, Cheia de magua, e de dor... Me conceda una esmola, A esmola do seu amôr!...

> Mas como poder ser ouvida, Por aquelle que me não ama?... E' como quem n'um deserto, Por socorro reclama!...

Enfim! Soffrerei resignada! Já que a sorte assim o quer E o destino o determina...

Até que a morte me leve, Este coração que, sem esperança, No mundo para que serve!...

Ruth.

NOTAS DE ΓΕΑΤRΟ

por Guido Severo

COMPANHIA

SACES RIBEIRO - ALVES DA SILVA

MEIA' NOITE, revista em 2 actos e 16 quadros, de Felix Bermudes e João Bastos, musica de A Coelho, V. Pinto, R. Portela e R. Ferrão.

·MEIA NOITE», é em sintese uma revista escrita sem originalidade e sem preocupações de Arte ou Critica de costumes, cheia de ditos escabrosos, apenas com um ou outro quadro de efeito, mas montada com scenarios policromos, vestida com certo gôsto e modernismo, alegre, de musica agradavel mas já muito conhecida.

Bons e ditosos tempos em que as Empresas teatraes se limitavam a fazer representar uma revista anual, geralmente no fim das epocas, onde justificando a designação deste genero de Teatro, se passavam em revista todos os factos e acontecimentos do ano, focando uns pelo ridiculo, outros pelo lado sentimental e ainda outros pelo patriotico dando estes gera'mente assunto ás apoteoses, que eram quasi sempre tres.

Que b las peças eu vi, tão bem escritas, onde saltitava a mais genuina graça, portuguesa, sem pornografias, matizadas de lindos numeros de musica ao tempo ainda não conhecidos, que só depois de umas trinta representações se tornavam vulgarisados, e eram cantados então nas festas populares, romarias, etc.

Lembro me com saudades dos «RETALHOS» «ALI A' .. PRETA», «TIM-TIM POR TIM-TIM», «RAMERRÃO», «NI CLES», «TALVES TE ESCRE-VA», «AGULHAS E ALFINE TES», «POR CIMA E POR BAIXO», etc., etc..

Hoje o oficio de revisteiro dá pouco que fazer. O entrecho é excluido e a intenção critica e moralisadora absolutamente desprezada. Não se arreda pé da banalidade consagrada, com muitos chistes de almanaque á mistura, sem a mais leve nota de imprevisto ou novidade, com um fadinho melancolico, um fex-trot de gramofone, um barulhento numero de espanholas com pandeiretas, muitos olés e pouquissimo salere, e, sobretudo, muita pornografia e nu... nem sempre artistico.

A cada obscenidade, sublinhada por gesto canalha de cabaret, o publico levanta se à rir alarvemente e a pedir mais, e as obscenidades proseguem arrancando o verniz do pudor da cara de quem ainda o tem.

Mas ... falemos da «MEIA NOITE», ultimamente representada no nosso Sá Bandeira, que em tudo e por tudo, está bem integrada nos moldes das revistas modernas. As piadas grosseiras, pesadas, rubras da malicia mais desbragada, sucedem se ininterruptamente, entre as gargalhadas alvares de alguns espectadores.

Parece impossivel que as autoridades permitam em pleno palco, frases e ditos de double sens, dum atrevimento tão inaudito, como os proferidos na peça em questão!

Mas a culpa de certas peças fazerem carreira e atingirem grande numero de representações, é somente dos jornalistas louva-minheiros, que dizem como em 22 de Majo de 1928 escreveu o critico de um diario da Capital, a proposito da «MEIA NOITE»:

«MEIA NOITE» é um prodigio de equilibrio - um autentico modelo de bom senso e de bom gôsto na revista portuguesa moderna. Triunfou com legitima justica. Ficará como um padrão. Alegria, movimento, riqueza novidade, graça irresistivel, comentario feliz e oportuno. Espectaculo completo, bomem qualquer parte. Publico e critica desta vez deram-se as mãos.

«MEIA NOITE» vai mesmo mais além porque onde nós pediamos «honesto e limpinho» deramnos «honesto e por vezes magnificente».

Este rosario de sandices que ai fica, define uma epoca, e parece inacreditavel que tivesse vindo á luz da publicidade, num dos jornaes de maior circulação do País!

No triste momento que passa para a Arte Dramatica, a maioria das criticas teatraes são feitas nos escritorios das Empresas, quando não são redigidas pelos proprios secretarios das ditas.

E' por isso que nós vemos aí algumas creaturinhas, guindadas á sidérea categoria de estrelas de teatro, exigindo f bulosos ordenados aos emprezarios, automoveis, toilettes, etc. e dando um trabalho insano aos ensaiadores, que têm delhe ensinar a falar o português. pois as pobresinhas nem o Manual da Cozinheira compreendem!

«MEIA NOITE» em nada se afastando da fastidiosa vulgaridade das outras obras do género, dá-nos a impressão de que todos os seusnumeros são já ha muito das nossasvelhas relaçõ s, sucedendo-se sem interesse de maior e sem nos despertarem a atenção; é certo, que tem algumas rabulas sobremaneira valorisadas pela brilhante interpretação que lhe imprimem artistas consagrados em revistas, como sejam: Augusto Costa, Alvaro de Almeida, Aurelio Ribeiro, Deolinda Sayal e Tereza Gomes.

Os scenarios são vistosos, apresentando quadros de delicada fantasia e belo colorido. Uma das cortinas, que reproduz uma tabeça de mulher do povo, é notavel pela delicadeza das tintas e graciosidade do desenho.

As apoteoses pobrissimas, falhas de movimento, vida e alegria são proprias de uma revista de verão, representada por uma qualquer

companhia em tournée.

O guarda roupa constitue o me-Ihor atractivo da peça. Lina Demoel, com uma intuição e bom gôsto surpreendentes, compoz um vestuario delicado, perfeito e com requintes de arte, como nos Figurinos, em que a distribuição de côres é surpreendente.

A enscenação de Augusto Soares revelando muita inteligencia e trabalho merece destaque, por que apresenta marcações interessantissimas, como por exemplo as dos grupos Banhistas e Cadetes.

A partitura é uma manta de farrapos de tangos, foxs, canções de cutras revistas, etc., sem inspiração nem originalidade. E para istojuntam-se quatro compositores! Que decadencia e que definhamento ce-

A orquestra deficientissima composta de uma escassa duzia de figuras, revela muita falta de unidade, má organisação e pobreza de valor-s artisticos.

Os bailarinos portugueses «Stichini et Albert» (que naturalmente adoptaram uma firma estrangeira, atendendo a que «ninguem é prof ta na sua terra») atravessam a scena varias vezes executando lindos e graciosos bailados modernos, excentricos e de fantasía.

Os efeitos de luz muito nebulosos, e, pela sua pobreza crepuscular, sem motivo a referencias.

Amigos de "A Voz do Comercio"

Em Janeiro apresentaram novos assinantes os seguinte Snrs, a quem, por isso, estamos

profundamente gratos. Eduardo Silva — Castanheira de Pera; Amilcar Costa-Lisboa; Pompeu Costa Vieira Junior -Aveiro; Belmiro Antonio da Silva — S. João da Madeira. Mariano Antonio Marques — Lisboa; Heorique Martins da Fonseca – Pôrto; José da Rocha e Silva – Bragança; J. Santos Jorge - Pôrto; Domingos M. J. da Costa - Lisboa; Alvaro da Fonseca - Lisboa; Zeferino Mar-tins, F.*-Lisboa; Adelino Simões - Granja; Alfredo Francisco Satão - Leiria; Bernardino Barreiros Godinho - Arraiolos; Joa-quim Augusto Balhé Simões e Francisco Guimarães - Pôrto.

F. J. Agostinho Silva

- con

COMERCIALISTA

pelo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa e antigo sub-inspector das alfandegas. Rua do «Comercio do Porto», 118-2.º-Porto.

Trata de qualquer assunto concernente ao serviços aduaneiros, mas de preferencia os respeitantes ao contencioso fiscal e administra-

Consultas todos os dias uteis, das 11 ás 13 horas, gratis para os assinantes de «A Voz do Comercio» e para os socios da «Associação dos Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal.

AOS LEITORES

A pezar de o Quinzenario «A Voz do Comercio» ter tido aceitação superior á nossa espectativa, rogamos o obseguio de propaganda e anuncios, para que ele seja ainda melhor, mais benefico e para que tenha vida longa e prospera.

A Redacção.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Recebemos, ha dias, o 1.º numero da «Revista Brazileira de Contabilidade, superiormente dirigida pelo contabilista - professor Snr. Francisco d'Auria.

Tem muito boa apresentação, está muito bem redigida e trata muitos e variados assuntos de alto interesse. No genero, é das melhores.

BENEFICENCIA

Uma cancerosa em estado muito grave è que vive na mis-ria, implora a vossa caridade. Mora na rua Fernão de Magalhães, n.º 99 2.º

Recebem-se donativos nesta Redaccão.

Trnsporte

Coisas que é bom conhecer

KISTOS

Fazem-se desaparecer facilmente, emquanto são pequenos, pouco mais ou menos do tama. nho dum grão de milho, humedecendo-os com saliva por espaço duma hora ou mais, todas as manhãs, mas em jejum que é quando ela está mais pura.

Deve-se ser persistente no tamento, pois só passados tratamento, muitos dias é que se pode notar que eles começam a desaparecer, sendo tambem necessario prolonga lo por mais quinze a trinta dias depois de terem desaparerecido, afim de que não se reproduzam.

O CANCRO

Ex.mo Snr.

Director de «A Voz do Comercio».

Tendo lido a noticia a respeito do cancro, publicada por

esse conceituado jornal, lembrei--me de, ha anos, ter lido numa revista medica francesa a descrição de varias curas de cancros pela aplicação de cataplasmas feitas de folhas frescas de vio-

Segundo li, esmagam-se as folhas das violetas até ficarem numa massa que se aplica sobre o cancro.

Suponho que esta informação poderá ser mui benefica se V. Ex.* tiver a bondade de a publicar.

Subscrevo-me com toda a consideração,

De V. Ex.ª

M.to At. V.or e Obg. de

Antonio Correia de Faria.

N. R. - Gostosamente publicamos esta noticia. E' provavel que adicionando ás ditas cataplasmas o tratamento interno, pelos chás feitos com folhas e flores se obtenha melhor resultado.

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES

MARCO

Desde 1 deste mês até 1 de Abril, inclusivo, pagam-se, com juros de mora, a Taxa Militar e as 1.25 2.4 e 3.4 prestações das contribuições Predial, Taxa Complementar o Imposte de Transacções.

Findo aquele praso serão logo relaxadas ao Tribunal das Execuções Fiscais.

Até 31 de Março entregam-se na Repartição de Finanças, num só impresso, as declarações para liqui-dação da Taxa Anual e da Taxa complementar e pode requerer-se a liquidação da Contribuição Predial em 4 prestações.

PAPEIS PINTADOS

E OLEADOS

Decorações desde os mais modicos preços, ás mais luxuosas, executam-se com os mais MODERNOS PAPEIS e fino gôsto na

CASA FIGUEIREDO

9, Rua Passos Manuel, 11

FIGUEIREDO & MOREIRA, L.BA

ENVIAM-SE AMOSTRAS

FÁBRICA DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA

SILVA, SA & C.A

ESMORIZ

Execução rapida — Fabrico perfeito Carregamento de madeiras escolhidas

Optimas condições de venda

MERCEARIA CAMOES

Querem saber a razão porque esta casa tem muita freguezia? é porque Compra e vende a dinheiro.

Limitando os seus lucros que revertem em favor dos seus freguezes, oferecendo-lhes generos superiores a preços muito reduzidos e não sendo casa de luxo tem todos os artigos de luxo ao alcance de todas as bolsas.

Cafés Brazileiros: RIO, S. PAULO e MOKA, os melhores do mundo.

80, Rua do Loureiro, 84-A-PORTO Telefone, 787

casa dos lingos

RAPHAEL PEREIRA DOS SANTOS ARTICOS PARA BORDAR

660, R. Fernandes Thomas, 664

(Casa fundada em 1860) Telefone. 4021 PORTO

LINHOS, ATOALHADOS, BORDADOS da Ilha da Madeira

ESTENOGRAFIA

Em português, inglês e françês Ensino facil e rápido, sistema optimo C. CRAVEIRO-R. da Picaria, 68 -Porto.

Guarda-Livros

Oferece-se bem habilitado. Dá referencias e fiador. Carta a Silva. Praca Almeida Garret, 46 -Porto.

Guarda-Livros

Com longa pratica, sabendo francês e inglês, dispondo de algumas horas por dia, oferece-se.

Carta á Redacção a B. L.

CONTABILIDADE DE

Periodico Mensal de Estudos Scientificos e Praticos de Contabilidade e Sciencias Economicas e Comerciais

Director - Francisco d'Auria

VI-Contabilidade Bancaria .

Assinatura anual adeantada

258000

25\$000

128000

128000

NUMERO AVULSO 2\$500 -

Redacção e Administração: Avenida Rio Branco, 47-3.º andar - Rio de Janeiro

A' VENDA NA REDACÇÃO DESTA REVISTA

Curso de contabilidade por Francisco d'Auria, em dez volumes

Volumes publicados: VII-Contabilidade de Emprezas Diversas VIII-Contabilidade Publica. . . . IX-Matematica Comercial 12\$000 12\$000 12\$000 IV-Contabilidade Industrial V-Contabilidade Mercantil

Sairá brevemente: III - Contabilidade Agricola e Pastoril

I-Contabilidade Teoretica. Em preparo:

II-Contabilidade Domestico-Patrimonial

X-Matematica Financeira .